

SOBRE A NEOVANGUARDA
BELO HORIZONTE INÍCIO ANOS 70

Artigo final apresentado ao
Curso de Especialização em História e Cultura da Arte
Orientado pela Professora Orientadora: Dr(a) Luzia Gontijo
Aluna Daniela Eugênia Andrade Marques

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História

Belo Horizonte
Dezembro 2009

RESUMO

O presente texto traz uma abordagem sobre arte, cultura e história, tendo como foco as interações entre o discurso artístico e o panorama cultural da cidade de Belo Horizonte nos idos dos anos 70 - período em que a capital abrigou a intervenção urbana intitulada *Do Corpo à Terra* e a exposição *Objeto e Participação*. Além do viés artístico de caráter experimental, o movimento intitulado *Neovanguarda* operou-se numa linha política contestadora. O autoritarismo político de então cobria as ruas de todo o país.

Os apontamentos que se seguem pretendem equacionar as terminologias utilizadas para definir o movimento *Neovanguarda*, termo usado pela história como algo legitimamente conhecido pela Belo Horizonte desse período.

Sabe-se que a dimensão geográfica e populacional que compunha a cidade na época era muito extensa e que boa parte da população não tinha como participar das intervenções nem mesmo saber sobre elas. Essas intervenções foram presenciadas pelo número reduzido de transeuntes que freqüentava o centro da cidade. Desta forma o conhecido movimento *Neovanguarda* mesmo que desenvolvido com o propósito de interagir com a estrutura urbana ficara restrito ao entendimento de poucos.

Palavras-chave: Arte, Neovanguarda, Cultura, História, Memória

Abstract

This text presents an approach to art culture and history. The interactions between the discourse of art in the midst of the cultural scene in Belo Horizonte the beginning 70s. Period when the capital hosted the urban intervention entitled *Do Corpo à terra* (The Body to Earth) and exposure *Objeto e Participação* (*Object and participation*). Beyond the experimental artistic character, the movement called *Neovanguarda* operated in a defiant political line. The political authoritarianism covered the streets across the country.

The notes that follow intended to cover the terminology used to define the movement *Neovanguarda*. The term *Neovanguarda* is used by history as something legitimately known for Belo Horizonte. It is known that the geographical size and population that made up the city at the time was very extensive. A considerable part of the population could not participate in interventions neither know about it. The interventions were assessed by a reduced number of passers that walking by the center of the city. Thus the movement known as *Neovanguarda* even developed in order to interact with the urban structure had been restricted to the understanding of a few.

Introdução

O texto que se segue visa analisar e discutir o processo histórico do movimento conhecido como *Neovanguarda*, ocorrido em Belo Horizonte no início da década de 70. Em pauta as ressonâncias desse movimento no discurso artístico, cultural e social de então.

Trata-se de uma investigação feita sob a luz da nova metodologia da história cultural, apropriando-se de dois eventos simultâneos e integrados: “Do *Corpo à terra*” desenvolvido no Parque Municipal René Gianetti, e a exposição *Objeto e Participação*, instalada no Palácio das Artes. Ambos tiveram como organizador o crítico e militante Frederico Moraes, que já havia organizado a exposição *Vanguarda Brasileira*, instalada em 1966 na reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais. Na época os artistas e acadêmicos estavam num clima de experimentação plástica a partir do objeto. Neste período foram debatidas questões referentes ao Novo Realismo e às vanguardas que despontavam no Brasil.

Em plena ditadura militar, as ruas de Belo Horizonte e o Parque Municipal serviram como suporte para manifestações artísticas de cunho político e contestador. Tais manifestações foram fomentadas pelo desejo de liberdade de expressão, reprimido pela implacável censura política. Nas décadas seguintes a *Neovanguarda* adquiriria notoriedade no cenário artístico nacional, sobretudo mineiro.

Outra questão importante apresentada neste trabalho é o debate em torno da terminologia *Neovanguarda*, muitas vezes usado de forma generalizada, como se toda a sociedade mineira tivesse vivenciado tal movimento. Como apresentado mais a frente, a viabilização do diálogo entre os artistas e a sociedade residente na capital naquele contexto era dificultada por vários aspectos, dentre os quais a própria expansão de BH.

O texto visa ainda discutir as intenções artísticas, vistas a partir de outro ângulo histórico, bem como desenvolver uma leitura que possa suscitar os aspectos culturais vigentes na época, somados às intervenções públicas ocorridas dentro da urbe.

Neovanguarda em Belo Horizonte

Imaginemos a capital mineira no ano de 1970. A cidade figurava-se como cúmplice das ações/reações populares e políticas. Nesse mesmo ano que a Câmara aprovaria o Decreto-Lei de censura prévia a livros e periódicos. A partir do Decreto 1077, o então ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, impõe a censura prévia à imprensa. Médici declara no Rio Grande do Sul que “*o homem não foi feito para a democracia*”¹. O jornalista e dirigente comunista Mário Alves, do PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário), é morto aos 47 anos no DOI-CODI (Departamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna) do Rio. Com rara brutalidade, a vítima foi executada por empalamento.

Essas são apenas algumas pontuações ocorridas nos idos dos anos 70, apelidados posteriormente como “anos de chumbo”. Nas palavras de Marília Andrés, pesquisadora da História da Arte Brasileira;

A centralização do Executivo e o fortalecimento dos militares no poder alcançaram clímax com o AI-5, decretado em 13 de dezembro de 1968, o golpe dentro do golpe, responsável pelo recrudescimento da repressão, pela implantação da censura e da perseguição aos estudantes, jornalistas, padres, operários, intelectuais e artistas. Definitivamente impossibilitadas de organizar qualquer mobilização de massa, às esquerdas restou apenas o mergulho na clandestinidade e na luta armada, como foi o caso da ALN e da VPR.²

Nesse contexto podemos apreender a situação emocional do cotidiano social e doméstico, ou ainda as tensões vigentes percebidas e apreendidas pelas crianças, enfim as aflições vividas pela população. Destinados à movimentação e integração cultural, os espaços públicos viabilizaram a realização das intervenções urbanas advindas dos artistas, que então reclamavam por uma nova linguagem para arte. Os

¹ Catálogo da exposição: Direito à Memória e à Verdade. A ditadura no Brasil 1964-1985. Palácio das artes Belo Horizonte agosto 2007.

² ANDRÉS, Marília. Neovanguardas Belo Horizonte anos 60, 1997, p.55.

movimentos artísticos pretendiam fazer uma arte interativa que pudesse despertar maior interesse no público.

Tais correntes em Belo Horizonte adquiriram posteriormente o nome de *Neovanguarda*. Jean Weisgerber³, numa tentativa de balanço de estado atual da pesquisa sobre a vanguarda, mostra haver, em 1979, consenso da crítica no tocante à periodização interna da vanguarda literária. Esta se bifurcou nitidamente em dois movimentos: o da chamada *Vanguarda Histórica* (1905 -1935) e o das denominadas *Neovanguardas* (1960 -1979).

Vanguarda é o termo escolhido para especificar as inquietações literárias e artísticas. Ferreira Gullar define vanguarda como “*personalidades inovadoras, artísticas que se adiantaram a seu tempo, que romperam com os estilos consagrados, não são raros na história da arte desde quando se tornou possível identificar a autoria da obra*”⁴. Diante do caráter transitório dos espaços públicos, alguns artistas de vanguarda começaram a desenvolver trabalhos que dialogavam com estes lugares por serem espaços heterogêneos, onde coexistia o trânsito cotidiano de grupos sociais variados.

O Parque Municipal, observado como espaço facilitador da transmissão de informações, foi escolhido como plataforma para vários artistas expressarem suas novas idéias. Assim, ali ocorreram de forma significativa várias performances que deram origem, em abril de 1970, à intervenção urbana *Do Corpo à Terra*, ocorrida em paralelo com a exposição *Objeto e Participação* sediada no Palácio das Artes. O movimento envolveu, além das questões artísticas, temas de cunho social, cultural e, sobretudo, político. Tais propostas seriam remanescentes da exposição *Vanguarda Brasileira*, instalada por Frederico Moraes quatro anos antes na UFMG.

Os artistas atuantes da *Neovanguarda* viviam um momento intenso, questionando os valores e o lugar tradicional da arte. Buscavam atualizar a linguagem e a forma de comunicação com o público. A idéia era aproximar a arte do cotidiano, explorando a variedade de matérias e objetos comuns encontrados no dia

³ WEISGERBER, Jean apud PATRIOTA, M. A. Vanguarda: Do conceito ao texto. - Belo Horizonte. INL Fundação Nacional Pró Memória. Editora Itatiaia. Brasília 1985.

⁴ GULLAR, Vanguarda do subdesenvolvimento, 1979, p.13

a dia. Na época o movimento ocorreu de forma impactante, pois não era o que as pessoas estavam acostumadas e ver.

Jovens artistas diante das tensões providas pela violência da ditadura militar tiveram seus documentos e obras censurados. Músicas, poesias, peças de teatros etc. foram taxadas de subversivas. Eles assistiram ainda às intermináveis e injustificáveis prisões e torturas. Neste íterim buscavam pelo espaço da arte, fazendo circular a idéia de liberdade.

Dentre os artistas integrantes do grupo destaca-se a figura de José Ronaldo Lima, que sobre o asfalto e a grama enfileirou 80 jornais velhos contendo notícias de guerra, crimes, avanço tecnológico, propagandas comerciais e ídolos de massa. *[GRAMA]TICA AMARELA* e *[VER]MELHA* (FIG.1) foi o título dado a esta ação. O jornal exposto daquela forma, junto dos objetos circundantes de cunho social e político, adquiria outra notoriedade a partir da associação com as palavras gramática vermelha e amarela.



FIGURA 1

[GRAMA]TICA AMARELA e *[VER]MELHA*

José Ronaldo Lima

Fonte da imagem: Catalogo Neovanguarda 2008

Décio Noviello, outro artista envolvido com o movimento, utilizou granadas de sinalização militar com fumaças coloridas. *Ação com granadas* (FIG.2) traz a idéia de duplo sentido permitindo a associação entre as intenções sociopolíticas da guerra e as do uso do Parque. Ou seja, violência e brincadeira, repressão e lazer, e até que ponto estas questões se bifurcam e se confluem.



FIGURA 2

Ação com granadas

Décio Noviello

Fonte da imagem: Catalogo Neovanguarda 2008

Na ação *Transpiração* (FIG 3), Luciano Gusmão cobriu com plásticos um gramado e colocou espelhos em pontos específicos do Parque. Um demarcado pedaço da grama coberta por plástico, no decorrer do tempo modificava sua cor. Ao umedecer o plástico mostrou que a forma estava em transformação constante. Neste sentido a natureza passa a fazer parte da obra e da intenção do artista.

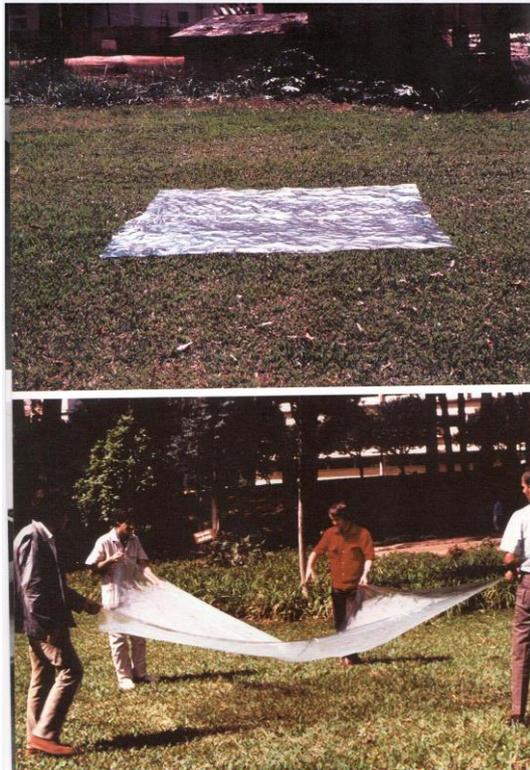


FIGURA 3
Transpiração
Luciano Gusmão

Fonte da imagem catalogo Neovanguarda 2008

O clima vigente entre os artistas era de desmaterialização do discurso enrijecido da arte. Assimilaram experiências concretas e neoconcretas, acompanhando as transformações da nova figuração da arte vigentes na época. Hélio Oiticica e Ligia Clarck são expoentes neste quesito. Realizaram trabalhos onde a presença do espectador era imprescindível, tornando-se ativo diante da obra, assumindo-se como parte de sua realização.

A *Neovanguarda* inaugura uma relação provocativa e participativa entre arte e público. Ela se manifesta como forma de protesto e reivindicação pela liberdade de expressão, adquirindo assim fortes conotações políticas. A grande conquista desse movimento foi estabelecer novos valores para a concepção da arte. Mesmo em meio a resistências, ele surge como desnorreador dos conceitos da arte naquele momento de Minas.

Neovanguarda e Cultura

Através da análise das manifestações artísticas vividas no ano de 1970 é possível notar as tensões que os *neovanguardistas* provocaram na cultura e na arte da cidade. Neste contexto é interessante pensar como as trocas culturais, sociais e artísticas aconteciam.

Porém, havia certa impossibilidade de a grande massa popular participar de forma efetiva em todos os eventos ocasionados na cidade. Entretanto dentro dessa amplitude social é possível detectar pontos de interesse em comum, grupos de várias naturezas sociais que criam seus próprios territórios, embebidos de tendências culturais específicas. Os grupos concentram os indivíduos que se identificam, encontram seus pares e cultivam valores em comum.

No complexo cultural coexistem pessoas que se interessam por vários gêneros musicais, outras que freqüentam lugares diversificados, participam de eventos específicos, e estes podem apresentar intenções variadas: políticas, intelectuais, religiosas, artísticas, estudantis, de lazer etc. É extremamente difícil precisar todos os eventos que aconteciam na cidade, pois em seus espaços coexistiam vários núcleos culturais portadores de intenções diversificadas.

Cada cultura deve ser analisada no seu próprio tempo. As leituras sobre a *Neovanguarda* podem ser aplicadas como um estudo modesto que possibilita alguns esclarecimentos sobre o movimento. Neste contexto, ao evocar a memória *Do Corpo à Terra* e todo o complexo valorativo do período pesquisado, temos aquilo que é individual ou aquilo que passa pelo interesse de um grupo específico em meio à cultura. E seu estudo histórico deve levar em consideração o contexto da época.

A somatória de documentos, fotos, vídeos e objetos informativos contribuem para uma investigação histórica, porém não como algo comprobatório de caráter verdadeiramente preciso. A *Neovanguarda* foi um momento histórico que marcou uma época do desenvolvimento da arte. Em especial para os artistas e públicos que vivenciaram as mudanças dos conceitos da arte na Belo Horizonte de então. Na época se discutiam assuntos relacionados à cultura de massa, a emancipação feminina e a participação mais efetiva do público na política e na arte.

Simultâneo ao regime autoritário que sufocava as vozes da população, o efeito da *Neovanguarda* se deu como um ruído se for considerada a densidade populacional da cidade. Uma pesquisa realizada em Diamantina - MG aponta que “a década de 70 fora um período promissor para Minas, pois o setor da mineração crescera positivamente fazendo com que a taxa de imigrantes das áreas rurais para as regiões satélites da capital aumentasse significativamente, sobretudo para a região metropolitana de Belo Horizonte, que então comportava em torno de 1.235.030 habitantes”⁷. Os dados demográficos trazem uma noção do volume populacional na capital. Partindo dos respectivos dados pode-se imaginar o fluxo de pessoas que transitavam pelas ruas.

Considerando essa demografia as intervenções artísticas da *neovanguardistas* não foram presenciadas pela grande maioria da população de Minas. Não se tem notícia dessas manifestações divulgadas pelas redes de televisão. Não era ainda usual a presença de televisões nos lares da classe média àquela época como hoje. O aparelho de rádio fazia a cobertura jornalística da época. Mesmo assim, é difícil detectar com qual densidade circulavam as notícias.

É cuidadoso considerar as populações satélites (rurais) da capital, afinal coexistiam durante o referido momento. Outro veículo transmissor das notícias belorizontinas naquela época era O *Suplemento Literário* do jornal *Minas Gerais*, idealizado pelos intelectuais Murilo Rubião, Aires da Matta, e Laís Corrêa, que semanalmente aglomerava textos e matérias sobre os movimentos na capital.

Mas esse *Suplemento* circulava de forma restrita. O periódico passava pelas mãos de intelectuais, críticos e artistas. Haviam grupos envolvidos diretamente com os propósitos da arte, bem como grupos interessados pelas questões relativas à economia do estado, educação, construção da cidade, religião etc. Mas muitos grupos sociais que nunca estiveram envolvidos nas questões da arte, nem mesmo ouviram falar em *Neovanguarda*.

Aliás, a capital abrigava uma infinidade de grupos com interesses sociais que não passavam necessariamente pelo âmbito artístico. Dessa forma, o movimento *neovanguardista* restringiu-se a alguns poucos grupos específicos. Na atualidade, o

⁷ Informações baseadas no texto: *Minas Gerais: crescimento demográficas migrações e distribuição espacial da população*. de Fausto Brito e Claudia Julia G. Horta Disponível em: <<http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2002/texto/D56.PDF>>. Acesso em 10 out 2009

que pode ser encontrado sobre a *Neovanguarda* são resíduos de um movimento, ou ainda, algo em processo. As filmagens e fotografias ficaram sob os cuidados dos próprios artistas, e hoje as documentações podem ser vistas concentradas em coleções particulares ou sob os cuidados do acervo do MAP- Museu de Arte Moderna da Pampulha.

Se não fossem as fotografias e cartas trocadas entre os artistas e eventuais publicações jornalísticas não seria possível obter informações acerca da *Neovanguarda*. A maior parte dos materiais usados pelos artistas era perecível como jornal, papel higiênico, giz, fumaça, farrapos de panos, vapor etc.

Vanguarda não é atualização dos materiais, não é arte tecnológica. É um comportamento, um modo de encarar as coisas, os homens e os materiais, é uma atitude definida diante do mundo. É o precário como norma, a luta como processo de vida. Não estamos preocupados em concluir, em dar exemplos, em fazer "história-ismos". Nesta relação arte-vida, a consciência do corpo também é experimentada pelo espectador num espaço expandido⁸.

As intervenções no Parque foram acompanhadas pela proposta do efêmero e do precário. Talvez o que estivesse implícito fosse a idéia da rápida absorção, contaminação, modificação. Contudo, o discurso suscitado em torno da *Neovanguarda* hoje poderia ser lido como um resíduo artístico no meio cultural, um bolor incrustado na história em estado de fermentação. Na atualidade, os novos apontamentos do fazer artísticos são absorvidos com menor resistência do que na época da *Neovanguarda*, ou seja, não causam tanta polêmica como antes. É possível aventar que sempre haverá um desejo de se repensar a arte, seja a partir dos meios documentais como fotos, vídeos ou ainda pela repetição de exposições como a *Neovanguarda* em 2007/2008.

Uma re-exposição do referido movimento suscita idéias acerca do lugar da memória. Hoje é possível conhecer sobre a *Neovanguarda* através dos livros, de palestras, retrospectivas realizadas por museus como a exposição *Neovanguarda* 2007/2008. Além da intenção de rememorar a *Neovanguarda* original, essa

⁸ MORAIS apud FREIRE Cristina, 2006.pág. 28

exposição serviu para a comemoração dos 50 anos do MAP. A mostra apresentou um rico material de caráter documental. Não mais *Neovanguarda*, mas sim relatos da mesma.

Uma intervenção de arte, mesmo quando acontece em espaço público, se trata de uma ação restrita, pois não garante a totalidade do envolvimento com o público. Passará milhares de anos e milhares de pessoas não obterão conhecimento a respeito do movimento artístico ocorrido em 1970. Esta informação limita-se a aqueles interessados pela área. Portanto não há uma *Neovanguarda* em Minas Gerais e sim uma *Neovanguarda* para um grupo de pessoas em Belo Horizonte.

Cultura e arte, generalização e individuação

Ao considerar cultura como tudo aquilo que envolve o ser humano, a *Neovanguarda* se apresenta como uma fatia delgada no debate cultural. O termo cultura transmite a idéia de coletividade, pois o homem não a faz de maneira solitária. Pode ser detectada na sociedade uma significativa diferença entre as questões que envolvem o gênero e o particular. A concepção social é banhada pelas ideologias políticas e éticas. O gênero designaria toda a complexidade das relações sociais e particulares, sendo que estas compreenderiam os interesses individuais. Vista sob esse ângulo a cultura adquire forma pela proliferação de idéias individuais mescladas às de gênero que convergem para o coletivo. A arte não passa necessariamente por esta lógica.

Para compreender um movimento artístico sem cair na redução é preciso compreender e considerar o contexto social correspondente ao momento da arte pesquisada. Estudar a *Neovanguarda* é uma forma de compreender uma parte da história política na capital, assim como a história econômica, a situação do proletariado, as questões estudantis dos anos 70, os preceitos ideológicos da juventude, os cidadãos envolvidos e os não envolvidos diretamente com a política, enfim, as práticas cotidianas desempenhadas pelos indivíduos.

Coexistem adeptos e não adeptos de determinados conceitos, mas distantes da grande maioria da população. A narrativa com o sentido cultural é debatida por poucas pessoas. No entanto pode ser afirmado que sempre haverá alienação de um

grupo quanto ao outro. Segundo Lucácks, *alienação é uma negação da essência do ser humano, uma negação do homem pelo próprio homem, é puramente social*⁹.

Estudar algo é sempre alienante, pois quem estuda é um indivíduo, que por sua vez, possui propriedade para discursar sobre um determinado assunto a partir apenas de seu próprio ângulo social. Neste sentido é positivo pensar em como dar cobertura às necessidades postas pela generalidade e pelo particular. Se a cultura pela cultura atende as necessidades coletivas ou individuais. A partir das necessidades políticas e particulares surge o afrontamento cultural. De um lado o grupo social que se sobrepõe ao outro, de forma a julgar o que é bom, o que deve ser dito, como deve ser dito, o que ver, como ver, porque ver. A atual relação entre a sociedade provedora da cultura e a receptora é claramente conhecida no sistema social.

Um bom exemplo é como o discurso político utiliza a palavra cultura para se promover no meio social. A sociedade provedora seria aquela que se coloca na posição de discursar sobre cultura, esta se alia ao sistema de poder econômico e político e da o tom ideológico para as massas populares, como se estivesse a oferecer oportunidade cultural à população. Tal raciocínio acaba por investir na criação de fronteiras entre as próprias culturas. Cultura não é algo para ser ofertado e sim para vivido!

O sujeito involuntariamente encontra-se inserido no meio cultural. No meio artístico, ele é o fruidor, artista, crítico de arte. O debate artístico ou cultural prescinde de erudição, de um juízo crítico. Mas para participar da cultura precisa-se vivê-la. Experiência literalmente involuntária. Não há possibilidade de se abster da cultura. É importante observar que existem ditas obras de arte que se apropriam do termo cultura, como temática ou assunto, mas que no fundo nem são necessariamente algo cultural.

Os eventos desenvolvidos pelo gênero – valores genéricos sociais – nem sempre implicaram valores individuais. Os interesses cotidianos particulares não remontam necessariamente ao gênero. Cada indivíduo opta pelos valores sociais que lhe convém. Neste caminho torna-se difícil precisar as necessidades do gênero

⁹ Lucácks in Lessa. *Ética e política: Observações acerca dos fundamentos ontológicos da ética e da política*. 2007

e do particular. A arte inserida neste complexo valorativo, ainda que de maneira modesta, contribui para a formação social, porém em tênue escala.

Sobre a atual situação cultural, de acordo com Teixeira Coelho “*espera-se que a cultura mantenha o tecido social, a (rala) trama ideológica restante — ausência que não deixará saudade — e a (débil) costura econômica*”¹⁰. A cultura foi vista como instrumento de integração social entre 1964 e 1984. Na mídia atual é utilizada como justificadora daquilo que assistimos sobre as idéias relativas à *inclusão social* ou ainda como uma propaganda nacionalista ideológica. Como por exemplo a máxima transmitida pela televisão em propaganda do governo: “*o melhor da Brasil é o brasileiro [...] portanto a cultura seria a mola predileta da inclusão social e do preparo do bom cidadão para o desenvolvimento do país*”¹¹.

Talvez, quanto mais se utiliza a palavra cultura na tentativa de explicá-la, mais se consagra a idéia de sua alienação. A rotulação pode ocasionar na redução dos valores. A nomeação e o uso do termo cultura tornam-se correntes por não haver outra instância social que possa confrontar com ela mesma. Ela é utilizada como argumento para varias finalidades, sejam políticas, artísticas, acadêmicas etc. O processo cultural reside nele próprio, sendo seu próprio objetivo. Não há necessidade de falar de cultura, ela acontece naturalmente.

Atualmente, a economia têm se favorecido da área cultural. O termo que ouvimos pela televisão de que “*cultura faz bem à todos*”, encontra-se enraizado no discurso ideológico e político, baseado na necessidade de uma homogeneização da mentalidade cultural de um povo. A partir desta perspectiva pode-se forjar uma identidade que na verdade não existe. Quando se fala muito em coletividade esquece-se da individualidade. Ao colocar a cultura como único ponto identificador há um afastamento das questões do individuo. Quando adotada como base de espelhamento social, pode ir contra os valores individuais.

A necessidade do novo e a sede investigadora são asfixiadas pelos moldes da cultura, pois esta reside na repetição. As intenções políticas e mercadológicas contribuem para criar, reforçar e pontuar valores culturais a partir da repetição. A arte caminha numa idéia contraria a repetição, buscando algo novo. O artista tem possibilidades para fazer sua própria arte com singularidade. O paradoxo é que idéia

¹⁰ COELHO , A cultura e seu contrario, 2008, p.10

¹¹ Id.

de individuação e generalização só ocorre em sociedade, pois só se tem noção do individual a partir do social.

As crescentes relações sociais verdadeiramente genéricas, que articulam cotidianamente de forma cada vez mais intensa a vida de cada indivíduo sobre o planeta ao destino do gênero humano (pensemos apenas em quando o destino da cada indivíduo hoje depende, cotidianamente, do mercado mundial), fazem com que as necessidades e possibilidades postas objetivamente pelo desenvolvimento genérico tenham um peso e uma presença cada vez mais marcante na reprodução do ser social. Cada vez mais intensamente cada ato de ser a objetivação de uma generalidade (e de uma individualidade a ela reflexivamente articulada) que requer a consubstanciação do para-si do ser social -a sua essência.¹²

Passada a fase religiosa, a arte começa a desenvolver o exercício da ruptura, mudando suas próprias regras. O cenário artístico incide sobre os olhares daqueles que estão envolvidos com exercícios pautados pela reflexão em arte. E se a cultura é formada por um todo e o discurso artístico permanece retido em reduzidos grupos, a arte afirma-se como um fato social inserido nas subdivisões culturais de uma população.

A arte é vizinha da cultura mas as aproximações entre uma e outra acabam na zona movediça que de algum modo delimita os territórios de uma e de outra. As diferenças dentre cultura e arte são hoje mais significativas que suas semelhanças – e agora é possível dizê-lo porque o *espírito do tempo*, que não existe mas está sempre aí, permite e convoca a busca das diferenças muito mais que a das proximidades e das fusões, essa operação típica da modernidade em todas as suas dimensões, da política à filosofia, geradora de tantos equívocos e angústias.¹³

Numa tentativa de entendimento, Coelho engendra um argumento salientando que a origem da cultura está associada à necessidade, enquanto a origem da arte associa-se ao desejo. Adotando esta formulação o movimento *Neovanguarda* adquiriu notoriedade através do grupo social específico interessado pelas artes,

¹² LESSA, Ética e Política ,2007,p.92.

¹³ COELHO , A cultura e seu contrário, 2008, p.117

apesar de seu forte apelo político. As interações *neovanguardistas* foram destinadas a uma comunidade consideravelmente informada sobre as questões artísticas contemporâneas ao movimento.

Quando surgiu a escrita e a habilidade de leitura, tal habilidade restringia-se aos que sabiam ler ou aqueles que escreviam. Mas estes não escreviam para a sociedade como um todo e sim para os que podiam ler. Acontece algo semelhante com a arte, na medida em que são realizadas obras que falam do próprio discurso da arte. Os artistas confiam no circuito intelectual, em críticos que dominam o discurso e conhecem os parâmetros da arte. O desejo pelo desprendimento da fórmula impera no discurso da arte desde o final do século XVIII, quando os impressionistas começaram a questionar a validade da realidade da superfície pictórica. No contexto do impressionismo os artistas problematizaram a ilusão ótica e romântica almejada pelos pintores realistas.

É importante observar o uso do termo *Neovanguarda*, que foge do discurso totalizante da cultura que a restringe a uma pequena parcela do todo social. A arte em meio ao complexo cultural se presentifica como um atributo, um detalhe em meio à sociedade. Ela não é uma obrigatoriedade na vida das pessoas, pois estas têm outras obrigações que não passam pelo âmbito da arte. A estrutura que assegura o status da arte é caprichosa/arbitrária, feita de idéias ou “*exercícios da liberdade*”¹⁴. A cultura pertence ao território da fatalidade, impossível de se evitar. A arte pode acontecer ou não.

Outros exemplos são os eventos que acontecem na cidade como shows, jogos no Mineirão, desfiles de 7 de Setembro, são coisas que passam pela devoção e domínio de um maior grupo de pessoas. Por vários meios informativos uma grande parte da população obtém notícia sobre os eventos sediados na cidade. Por exemplo, dias de jogos no Mineirão, o trânsito torna-se lento, por mais que um número considerável de motoristas nem saibam nada sobre os jogos de futebol, são prejudicados por algo que não estão interessados. Existem eventos que atraem maior número de pessoas, sem dúvida.

Quando se trata de um evento exclusivamente artístico a questão é diferente. Aqueles que se envolvem com a programação (que buscam eventos de cunho

¹⁴ Conceito desenvolvido por Frederico Moraes, artista e crítico de arte.

artístico) são aqueles interessados por esta categoria de evento, por sinal, um grupo bem reduzido de pessoas se comparado à totalidade social de Belo Horizonte.

[...] a cultura cuida de localizar cada um no interior do coletivo compartilhado, atribui um lugar (a quem o procura, o aceita, com ele se conforma, a quem assume o formato que a cultura lhe dedica). A cultura dá a si mesma uma tranqüilidade e a projeta no outro, que a receba e se tranqüiliza. [...] a arte é insegurança: para quem a faz, para quem e recebe: a arte é desestabilizante, incômoda [...] ¹⁵

A arte pode ser falsificada, mas não permite repetição, sendo irreprodutível, diferentemente do sistema cultural, pois este não se destrói pela repetição nem pela cópia. A cultura abriga, conserva, repete, pois é programável, impregunante, contagiosa. A repetição da origem, a “*tradição cultural*”, obedecendo a uma série de princípios fundadores de si mesma. Convoca uma somatória daquilo que já é conhecido. O tempo da cultura é indeterminado, segue uma linha de continuidade podendo variar sua intensidade e impregunação.

A arte em alargados espaços pode até repetir um tipo de fazer, porem não necessita da repetição para ser afirmada como arte. A exposição *Neovanguarda 2007/2008*, de caráter retrospectivo, acaba por se tornar um fator de investigação cultural e não mais um fator literalmente artístico. A partir da referida exposição o que esta em jogo é a reafirmação dos valores que os objetos tem como informativo histórico. E através dos mesmos procura-se promover a idéia de memória. A *Neovanguarda* é projetada no debate cultural da atualidade por estar de alguma maneira reafirmando-se baseada na idéia da recordação.

Neovanguarda, memória e historia

Projetada para o interior de um museu e não mais para os espaços públicos de Belo Horizonte, a exposição *Neovanguarda 2007/2008* foi organizada por Marconi Drummond, e pelos co-curadores do MAP Marcio Sampaio e Marília Andrés

¹⁵ COELHO , A cultura e seu contrário, 2008, p.133 -134

e uniu vários materiais e obras de arte que puderam ser re-examinadas na atualidade. Hoje o movimento é reconhecido a partir da memória. Através da exposição é possível perceber uma intenção de comunicação, reativação ou ainda criação de uma memória.

Seu intuito foi trazer a lembrança da *Neovanguarda* dos anos 70 para aqueles que participaram do movimento e construir uma memória artificial para aqueles que não conheceram as intervenções *Do Corpo à Terra* realizada no Parque Municipal e *Objeto e Participação* realizada no Palácio das Artes. Expor uma coleção de objetos artísticos que trazem a idéia de um momento passado sugere a necessidade de memorização e reflexão. A idéia de acumulação e rememoração vai de encontro com as preocupações da cultura, pois esta sim se preocupa em acumular, catalogar, patrimonializar, recordar.

A memória é o objeto de atenção da cultura e da história para conservar os traços de acontecimentos passados. A documentação da arte através das imagens fotográficas, objetos, textos etc. é somente um estímulo para a memória. Um encorajamento para tal. Os referidos objetos contendo traços de uma ação e de um lugar estimulam o pensamento histórico. Ao exibir a documentação de um movimento manipula-se sua informação, traçando uma compreensão do que fora feito durante um determinado tempo em um determinado lugar.

Pelo importante papel que o movimento *Neovanguarda* representou na história da arte em Belo Horizonte, o acervo documental do MAP, somado aos empréstimos de objetos e obras providos por acervos particulares, apresenta a *Neovanguarda* em forma de recordação. Organizada por artistas, críticos, colecionadores e curadores acaba por estabelecer dentro do debate artístico seu próprio entendimento. Assim se faz a necessidade de relembrar, rerepresentar, fazendo da *Neovanguarda* um objeto de análise e revisão dos conceitos da arte.

Analisando a tônica da exposição *Neovanguarda 2007/2008* em seu efeito de re-identificação e rerepresentação é possível perceber a projeção do fazer artístico na validade do tempo. Inserindo no grupo a existência de uma arte sediada em algum lugar e tempo na história. A retrospectiva da *Neovanguarda* opera dentro da própria esfera da arte. O título *Neovanguarda* é revivido como um trabalho literário e artístico. Em meio à cultura (a sociedade belo-orientina) os princípios desenvolvidos pela *Neovanguarda* foram anunciados como uma voz ao longe.

Neste sentido é realizado um esforço extraordinário para não permitir o esquecimento do arquivo da *Neovanguarda*. Uma eterna re-comemoração para perpetuar a memória. O grupo envolvido com as questões da arte aposta nos valores resguardados pelas imagens. O armazenamento de informações permite comunicar algum sentido da arte através das décadas, bem como reexaminar, reordenar, retificar, repensar. A idéia de memorização da intervenção urbana dos anos 70 alia-se aos anseios culturais, pois pode ser entendida como uma necessidade de manutenção da memória. Assim, arte e cultura coexistem como exemplos de conhecimento histórico e narrativo.

Parece existir um desejo de condicionar, materializar ou corporificar a memória da arte, transmitido-a aos grupos interessados pela arte na atualidade. A evocação da memória orienta a nova geração de curiosos para a pauta artística, ordena e conscientiza para o que chamamos história da arte. A intenção de reavivar um fato é confiada à memória, que opera seu desenvolvimento através do discurso artístico, histórico, político e cultural.

Conclusão

Compreender uma intervenção pública é abarcar todo um conjunto de situações espaciais e sociais. O espaço público não se configura em definição engessada. Tal espaço é constituído por uma heterogeneidade. A realização da exposição *Neovanguarda 2007/2008*, destaca a reverberação nos dias de hoje das intervenções urbanas *Do Corpo à Terra e Objeto e Participação* ocorridas em 1970.

O conceito da *Neovanguarda* tenta estabelecer uma sociabilidade entre arte, cultura e história tendo como base estrutural e elementar o meio acadêmico e os discursos críticos providos por intelectuais, artistas, curadores e estudantes da arte. Ao apropriar-se do espaço público a arte dialoga com o ambiente e suas propriedades específicas, tais como: a formação cultural da população, os valores sociais que determinado lugar representa para o público, as dimensões políticas, religiosas e econômicas. Cada membro social enxerga aquilo que lhe é adaptável. A linguagem que o sujeito observador apreende depende de suas convicções culturais, de seus valores morais, éticos, religiosos etc.

Em meio às questões levantadas acerca da literatura artística (discurso da arte) e dos conceitos políticos e culturais, a alienação foi sempre um fator presente. O estado de alienação é algo contínuo. Pois é inimaginável participar de todas as instâncias do conhecimento numa sociedade. Coexistem vários eventos populares que são restritos a pequenos grupos sociais. O desenvolvimento da arte envolve os grupos que se interessam por ela, seja por sua natureza plástica, educacional, espiritual ou ainda economia e política.

Neste sentido torna-se sensato compreender as implicações individuais e coletivas de uma sociedade. Por mais que as intenções da *Neovanguarda* fossem envolver o público, há uma infinidade de estruturas sociais que não obtiveram conhecimento a respeito das propostas intervencionistas dos anos 70.

Os artistas envolvidos com o movimento desejavam participar da cultura de forma acentuada. Porém, muitos dos conceitos que foram suscitados a partir do movimento circularam entre as subdivisões sociais. Os *neovanguardistas*, que intencionavam a sair do individualismo da arte para se firmarem num complexo cultural urbano, hoje estão guardados em forma de memória em um espaço da cidade, o museu.

Uma vez realizada uma intervenção, existe algo implícito ao local e ao tempo de sua realização. O que resta de uma intervenção urbana são apenas os registros e os farrapos. Migalhas de um tempo distante podendo não fazer sentido no presente, mas que contribuem para pensar sobre um tempo e um lugar na sociedade. Sendo assim pode-se definir a existência permanente do diálogo entre arte e cultura, onde ambas tendem ao encontro em algum espaço e tempo.